

UM DIÁLOGO SOBRE A CULTURA E A CONSTRUÇÃO DO HOMEM

Inete Porpino de Paiva

Doutoranda em Ciências Sociais – Universidade Federal do Rio Grande do Norte;
iporpino@uol.com.br

Recebido em agosto/2004 e Aceito em dezembro/2004

RESUMO

Este artigo propõe abordar de forma genérica algumas questões, envolvendo o fenômeno da cultura. Para esta elaboração, como metodologia utilizamos a pesquisa bibliográfica, privilegiando leituras que articulam matrizes teóricas clássicas e interpretações atuais, procurando estabelecer um diálogo com algumas áreas do conhecimento: a Antropologia, a Sociologia, a Psicanálise, a Filosofia e a Literatura. Através dessas leituras é possível pensar a cultura, apresentando idéias que operam na construção de um campo discursivo que conflui para exercícios em busca de um pensamento, o qual se traduz no reconhecimento da relação entre saberes diferentes, numa relação dialógica. A intenção é apresentar a temática da cultura numa perspectiva ampla, universal, como uma *marca* na construção do homem. Considerar a cultura uma condição imprescindível para a existência humana é uma constante nas elaborações discursivas, quando a temática consiste em relacionar o homem à cultura.

Palavras-chave: cultura; condição humana; dependência.

UN DIALOGUE SUR LA CULTURE ET LA CONSTRUCTION DE L' HOMME

RÉSUMÉ

Cet article propose d'aborder de façon générique quelques questions, qui enveloppent le phénomène de la culture. Pour cette élaboration, comme méthodologie nous utilisons la recherché bibliographique en privilégiant les lectures qui articulent les matrices théoriques classiques et interprétations actuelles, en cherchant a établir un dialogue avec quelques disciplines de le connaissance: L' Anthropologie, la Sociologie, la Psychanalyse, la Philosophie et la Littérature. A travers les lectures il c'est possible de penser la culture, en présentant des idées qui opèrent dans la construction d' un champ discursif qui conflue pour des exercices pour la recherche d' une pensée, laquelle se traduit dans une reconnaissance de la reliaison parmi les différents savoirs, dans une relation dialogique. L' intention est de présenter la thématique de la culture dans une perspective ample, universelle, comme une marque dans la construction de l'homme. Considérer la culture une condition indispensable pour l' existence humaine est une constante dans les elaborations discursives, lorsque la thématique consiste a rapporter l' homme à la culture.

Mots clé: culture; condition humaine; dépendance.

UM DIÁLOGO SOBRE A CULTURA E A CONSTRUÇÃO DO HOMEM

Para tratar o fenômeno da cultura, resolvemos acompanhar a construção de um campo discursivo que confluuiu para a consolidação dos estudos sobre a cultura. Construções discursivas que sinalizam o pensamento das Ciências Humanas. O artigo propõe dois momentos. No primeiro, iremos situar a relação entre a cultura e o homem, destacando a sua dependência. Para trabalhar essa questão, priorizamos analisar três agentes culturais: o maternal, a língua e a religião. No segundo momento, chamando atenção para o impacto da cultura sobre a sociedade humana, destacaremos as contribuições no campo da Psicanálise e da Antropologia, representadas, respectivamente, pelas idéias de Freud e de Lévi-Strauss.

É comum ouvirmos falar em cultura de uma sociedade, cultura de um povo, cultura brasileira, cultura francesa, cultura indígena, cultura de elite, cultura popular, cultura dos dominantes, cultura dos dominados, cultura de massas, e simplesmente cultura. São múltiplas as maneiras de empregar o termo cultura, de conceituá-lo. Campos de saberes diferentes tem desenvolvido análises sobre a cultura. A intenção nossa é apresentar a temática da cultura numa perspectiva ampla, universal, como uma *marca* na construção do homem.

Não é novidade afirmação do tipo: “a cultura acelera a evolução humana”; “a cultura é um dos elementos de distinção entre os homens e os outros animais”; “somos filhos da cultura”; “a cultura é a marca da sociedade humana”; “a cultura produz o homem e ao mesmo tempo é produzida por ele”. Sobre essas construções discursivas, podemos perceber de imediato duas constatações. A primeira trata-se do fato de que, sem dúvida, elas refletem, o pensamento das Ciências Humanas. A segunda é a de que a relação entre a cultura e o homem é uma constante e perpassa as formulações.

Com o propósito de trabalhar a relação homem e cultura, de perceber a sua dinâmica, vale a pena começar com a idéia presente nas reflexões de Edgard Morin (1998) quando discute o impacto da cultura sobre a sociedade humana. A perspectiva formulada por ele considera a cultura como sendo a marca primordial dos humanos. Pensar o fenômeno da cultura, ao mesmo tempo como produto e produtora da humanidade faz parte das suas elaborações. Falar de cultura é falar das práticas humanas. Produto das experiências coletivas, em condições dadas, o fenômeno da cultura comporta o acúmulo das experiências de quem nos antecedeu.

O materno, a língua e a religião: os agentes culturais e o processo de humanização

A relação entre homem e cultura aponta para a produção de um discurso onde o homem é visto como o único animal dependente da cultura. A dependência resulta no fato de que, ao nascer ele é um ser inacabado. Essa é uma das suas características marcantes. Quando a cria humana nasce, vai precisar dos cuidados tanto para sobreviver como para tornar-se humano. Ela vai estar dependendo de proteção. Ela precisará dos agentes da cultura, de um outro que irá garantir a sua sobrevivência e que irá encaminhar a criatura ao processo de humanização. Esse outro é o próprio homem. Num primeiro momento, ela contará com os agentes maternos, não necessariamente a mãe biológica, mas alguém que

possa lhe dar cuidados e atenção, pois qualquer pessoa que não seja a mãe, tem condição de “maternar” uma criança.

Sobre essa questão do homem inacabado podemos recorrer a Berger & Luckmann (1985). Eles afirmam que o homem quando posto no mundo, ainda está para se desenvolver biologicamente; e que, a possibilidade de tornar-se humano está na dependência de dois ambientes: um ambiente natural particular e um ambiente humano de ordem cultural e social específica. Eles estão chamando atenção para a impossibilidade do homem se desenvolver no isolamento.

Exemplificaremos a presença do agente outro nesse sujeito incompleto que acaba de nascer, tomando contato com a poética literária de Garcia Márquez: *Do amor e outros demônios* - uma obra produtora de sensibilidade na forma de ver a realidade.

Filha de nobre e plebéia, a menina teve uma infância de exposta. A mãe a odiou desde que lhe deu de mamar pela única vez e negou a tê-la consigo com medo de matá-la. Dominga de Adviendo a amamentou, batizou em Cristo e consagrou a Olokun, divindade iorubá de sexo incerto, (...) criada no pátio dos escravos, Sierva Maria (...) aprendeu três línguas africanas ao mesmo tempo. (1994:65)

Do amor e outros demônios fala da história de Sierva Maria, uma adolescente que viveu no final do século XVIII na Colômbia, na época, uma colônia espanhola. Sierva Maria cresceu no convívio cotidiano dos escravos. Amor, mistério, religião, punição, processo de inquisição compõem a narrativa poética de Garcia Márquez.

De acordo com o fragmento reproduzido, além do agente materno, que no caso trata-se da figura representada por Dominga de Adviendo, é possível perceber a presença de mais dois agentes culturais: a língua e a religião. Compreender o sentido e o significado que tem cada um na vida de Sierva Maria, particularmente; e de modo geral, na vida dos homens são questões relevantes.

É indiscutível que uma criança não pode sobreviver e desenvolver sem um mínimo de atenção e cuidados maternos; também não é dado que todas as mães estejam predispostas a dar-lhe o cuidado de que necessita a criança. Para Sierva Maria foram o leite e os cuidados maternos, não de sua mãe, mas da escrava Dominga que possibilitou ela viver até os 13 anos. A relação entre mãe e filha logo no primeiro contato se caracteriza como rejeição – o primeiro sinal está na recusa de dar-lhe o seio. Atrelada à questão da sobrevivência, a indiferença, a frieza e o desinteresse da mãe leva Sierva Maria a ser socializada no mundo da cultura dos escravos.

Amamentar a criança que não pariu era uma prática bastante comum na época de Sierva Maria. O Brasil é um bom exemplo. Gilberto Freyre, estudando a sociedade brasileira, faz referência a esse costume no período escravocrata. Na Paris do século XVIII, na época do antigo regime, também era muitíssimo comum a presença das amas-de-leite, como demonstra Elisabeth Badinter (1980), quando discute o mito do amor materno.

Além de ter sido responsável pelos cuidados maternos de Sierva Maria, a escrava Dominga vai introduzir a menina no mundo da cultura. As três línguas iorubas que ela aprende no convívio de Dominga e dos outros escravos e a língua oficial - o espanhol -

foi o caminho, a forma humana da comunicação e da relação que ela estabeleceu com o mundo. Cada uma das línguas é um produto humano, tem uma historicidade, é exterior ao nascimento de Sierva Maria. O exemplo particular da socialização de Sierva Maria é universal as demais crianças de qualquer sociedade, no sentido de que a língua, como a cultura, é pré-existente ao seu nascimento e continuará depois dela. A não ser que uma ordem venha proibir o seu uso de algumas delas, que não sendo falada, se extinguirá. Sobre essa questão, sobretudo pensando a cultura e a sociedade, Herskovits (1963) vai dizer que a cultura é maior que o indivíduo *que vive dentro dela*; isso porque, tudo aquilo que a compreende: artefatos, instituições, sanções, vão continuar existindo após a morte do grupo que se encontra inserido num determinado modo de vida.

A linguagem: uma construção histórico-social

Torna-se pertinente chamar atenção para o fato de que a linguagem é uma constante no mundo dos homens. Só eles nasceram com as ferramentas necessárias: física, anatômica, cerebral que os permitem expressarem-se por palavras. A linguagem opera como sistema das convenções, mas aparece para o homem como algo natural. A pluralidade das línguas é da ordem da construção histórico-social. O surgimento de cada uma delas tem uma história. Mas, uma vez constituída, passam a funcionar como se fosse algo natural, com leis e princípios próprios, independente dos sujeitos que a empregam. Peter Berger e Thomas Luckmann (1985) vão se referir à linguagem como o aspecto mais importante da socialização da criança, aparecendo a criança como “inerente à natureza das coisas, não podendo perceber a noção do caráter convencional dela” (1985:85). A idéia da coisa dada, do sacralizado, do natural, da ordem do convencional também vai estar presente na análise elaborada por esses autores, quando analisam as instituições.

Um dos fenômenos presentes nessa análise diz respeito a reificação da realidade social; reificação essa, inserida em qualquer sociedade. Essa inserção ocorrerá a partir do momento em que o homem se humaniza. Esse fenômeno diz respeito à percepção que tem o próprio homem de ver as suas ações, seus pensamentos, seus discursos, as formas de classificações que dão ao mundo e às coisas. Enfim, o mundo por ele institucionalizado; tudo isso visto como se fosse algo alheio a ele, como se fosse obra da natureza, ou da vontade divina, isento de história; como se ele não tivesse nenhuma participação nessa produção. A questão da língua, como também as práticas religiosas, não foge ao fenômeno da reificação.

Construções discursivas sobre o papel das práticas religiosas nas relações dos indivíduos com o mundo

Vale notar que a presença de elementos institucionalizadores, socializadores, mantenedores da ordem estão presentes em diferentes sociedades, mesmo tratando-se de uma cultura particular: cultura iorubá, cultura colombiana, cultura espanhola. Os elementos institucionalizadores são, portanto, responsáveis para justificar a origem das coisas e do mundo. As práticas religiosas são uma delas, sejam elas cristãs ou as do núcleo iorubá; das milenares as mais atuais, constituem *representações sociais* – formas de explicações produzidas pelos indivíduos para dar respostas as inquietações sobre a vida social – de onde vim? Para onde vou? Mas, não podemos parar por aí, pois tornaria a análise dessas práticas insuficiente, para o que elas de fato representam, visto que tais representações, compreendem sistemas de valores, normas e práticas, cuja função, conforme Jodelet (1984)

trata-se da naturalização e sacralização de determinadas idéias, controlando as relações dos indivíduos no mundo, orientando a sua conduta.

Desde o início do século passado, as crenças religiosas são vistas pelas Ciências Humanas como *representações sociais*, produções *imaginárias*, que embora inventadas e interpretadas pelos homens, aparecem a eles como coisa do sagrado, do divino. E como tal, elas têm uma lógica, a qual diz respeito à orientação da conduta dos indivíduos, o que podem ou não fazer, o que podem ou não dizer. São as interdições elaboradas pelos próprios homens e impostas a eles. Essa questão se orienta para o estudo realizado por Maurice Godelier (1982) quando analisa a relação entre poder e linguagem, estudando os Baruya. Nessa tribo, localizada em Nova Guiné há uma língua secreta que apenas os homens são iniciados a falar.

Marx e Engels, em *A ideologia alemã* vão dizer que “Desde que os homens se encontram numa sociedade natural (...), a própria ação do homem converte-se num poder estranho e a ele oposto, que o subjuga ao invés de ser por ele dominado” (47:1986). Não diferente, são as construções elaboradas por Émile Durkheim em *As formas elementares da vida religiosa*. Para ele, o homem vai se ver preso a um mundo imaginário de que ele é ao mesmo tempo autor e modelo. (1989:84).

Pensar sobre religião nos possibilita enveredarmos pelo campo psicanalítico. Em *a questão de uma Weltanschauung*, a conferência XXXV, Freud vai dizer que os sistemas religiosos são criações da mente humana, resultado de exigências emocionais, de desejos. Em *o mal estar da civilização*, Freud chama atenção para o fato de que a religião compreende um dos substitutivos criado para compensar o estado de *desamparo* em que o homem se encontra. A função da religião é a garantia da relação do homem com a natureza e com os semelhantes.

Em suas reflexões, Freud procura destacar o poder que a religião exerce sobre o homem, porque ela terá “a seu serviço as mais fortes emoções dos seres humanos” (1976:158). Além de dar explicações sobre o universo e a vida, a religião se propõe a dar proteção, consolo, garantia de felicidade, de salvação. Promessas, sempre distantes do mundo em que os sujeitos estão situados, para um mundo inexistente. Nesse sentido, Freud, acredita na impossibilidade da religião consegui-las.

O homem e a cultura no pensamento de Freud e Lévi-Strauss

Sinalizando para os agentes culturais, para a própria cultura, uma articulação com as reflexões provenientes da Psicanálise, especialmente com as idéias de Freud, torna-se possível; e nesse sentido, recorrer ao *Mal estar na civilização*, não é sem consequência, tendo em vista que nessa obra, a idéia do desconforto, do desamparo e da infelicidade do homem na cultura é problematizada.

Para Freud, a existência humana está intrinsecamente vinculada à renúncia do desejo individual – o desejo da pulsão sexual. E isso vai implicar na renúncia da felicidade, o que vai representar para o homem um sofrimento. A renúncia acontece por meio da lei da ordem, da lei da cultura. Freud, nesse caso, faz referência ao aspecto coercitivo da cultura. Paradoxalmente, é através dela que o homem cria meios de amenizar esse sofrimento. São os *substitutivos*, e entre eles destacam-se: a atividade intelectual, a política, a arte, o amor,

a religião, a guerra, o crime. Temos nesse caso, o deslocamento do desejo sexual para objetos não sexuais.

Freud chama atenção para o fato de que mesmo com as compensações substitutivas algo escapa, fica de fora. Trata-se do *recalque do gozo*, um dos aportes da teoria psicanalítica por ele formulado. Com a atenção voltada para o caráter *coercitivo* da cultura, esse fenômeno, conforme Freud, opera limitando a pulsão sexual; o que vai implicar na substituição do poder do indivíduo pelo poder do grupo, numa renúncia em favor da lei do grupo. Nesse sentido, poderíamos dizer que do ponto de vista da Psicanálise, chega-se à conclusão de que a existência humana só é possível com a cultura.

Diante da discussão a cerca da cultura é relevante apresentar algumas proposições de Lévi-Strauss. O etnólogo francês a compreende como sistemas estruturais. Essa abordagem tem relação com a idéia das estruturas mentais inconscientes, no seu entendimento, presentes nas elaborações culturais: instituições, arte, linguagem, mito, parentesco. Na introdução a obra de Marcel Mauss, Levi Strauss vai dizer que “toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos em cuja linha de frente colocam-se a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião”. (1974: 9). Descobrir os princípios da mente que geram esses sistemas simbólicos, para Levi-Strauss tem sido a grande tarefa da Antropologia.

Levi-Strauss em *As Estruturas elementares do parentesco*, na busca de algo que marque o surgimento da cultura, levanta a questão da natureza e da cultura para a Antropologia, que é o momento da passagem do homem enquanto ser biológico, da natureza para a cultura. Para ele, se a natureza está para o domínio do universal, a cultura está para o particular. No domínio particular, a cultura tem uma regra, uma lei que é universal. Portanto, o problema da passagem de um a outro tem o critério da universalidade.

Conforme Lévi-Strauss, o que vai marcar essa passagem é o tabu do incesto. Sobre esse fenômeno é importante chamar atenção para o fato de que ao mesmo tempo em que ele é universal, é também específico de cada sociedade, tendo em vista que as regras variam de sociedade para sociedade. A lei da proibição do incesto permite que as famílias não se fechem entre si. Ela vai possibilitar as alianças, as trocas e as circulações. Lévi-Strauss chama atenção para três níveis de trocas: estas se dão através da circulação de bens, da troca de mulheres entre grupos distintos e da troca simbólica - de palavras. O sistema de parentesco é o campo da troca. Ainda sobre a idéia de cultura, vamos encontrar no pensamento levistraussiano, a afirmação de que a cultura “é uma manifestação do mundo das idéias abstratas do espírito”. Entendida como o funcionamento do espírito - do pensamento. Para ele, primeiro é preciso entender o que os homens pensam para entender o que fazem, como se organizam.

Considerações finais

Retomando a questão da relação entre homem e cultura, um tema predominante nas ciências humanas, não há dúvida de que as leituras, por meio de ciências como a Antropologia, a Sociologia, a Psicanálise apontam para a produção de um discurso onde o homem é visto como o único animal dependente da cultura, um ser inacabado que se completa com ela, no processo conduzido pelos agentes culturais. Neste artigo, foram

apresentados o agente materno, a língua e a religião como agentes culturais que possibilitam a complementação do homem. Produzidos pelo próprio homem em toda e qualquer sociedade esses agentes são socializadores e também considerados elementos institucionalizadores e mantenedores da ordem. Portanto, considerar a cultura uma condição imprescindível para a existência humana, devido ao fato de que cabe a ela nos completarmos é uma constante nas elaborações discursivas, quando a temática consiste em relacionar homem a cultura. Por fim, é necessário chamar atenção para o fato de que estabelecer essa relação não significa definir o homem como um ser totalmente cultural. As análises de Edgar Morrin, por exemplo, reitera o homem como um ser 100% natureza e 100% cultura. Como as discussões a respeito do impacto da cultura sobre a sociedade humana é um tema recorrente nas diversas áreas do saber, a nossa intenção foi apresentar algumas considerações acerca da cultura, priorizando trabalhar numa perspectiva dialógica, religando saberes diferentes, por entender que pensar a cultura possibilita a adoção desse caminho. O que foi apresentado neste artigo não esgota as amplas possibilidades de análise que o tema possibilita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo, Paulinas, 1989.
- FREIRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1943.
- FREUD, Sigmund. **Mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. A questão de uma Weltanschauung. In: _____. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GODELIER, Maurice. "Linguagem e poder: reflexões sobre os paradigmas e paradoxos da legitimidade das relações de poder". In SANTOS, M. Helena Varela e LUCAS, Antônio M. Rollo. **Antropologia: paisagens, sábios e selvagens**. Porto, Porto Editora, 1982.
- HERSKOVITS, Melville. Cultura e sociedade. In: _____. **Antropologia Cultural**. São Paulo, Mestre Jou, 1963. Tomo 1.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. A obra de Marcel Mauss. In MAUSS Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, EPU/EDUSP, 1974.
- _____. **As estruturas Elementares do Parentesco**. Petrópolis. Vozes, 1982.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. **Do amor e outros demônios**. Rio de Janeiro, Record, 1994.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. São Paulo, Huctec, 1986.
- MORRIN, Edgard. **O método IV- As idéias**. Porto Alegre: Sulina, 1998.